

**DUPLO ATO, POR FREDERICO SILVA FARIA**

## INDICE DOS CAPÍTULOS:

CAPÍTULO UM - O FATO OCORRIDO

CAPÍTULO DOIS - A INDICAÇÃO

CAPÍTULO TRÊS - NOVIDADES

CAPÍTULO QUATRO - PRIMEIROS PASSOS

CAPÍTULO CINCO - QUANTO?

CAPÍTULO SEIS - INVESTIGANDO E OBTENDO AJUDA

CAPÍTULO SETE - RELATÓRIO

CAPÍTULO OITO - NADA DE NOVO...

CAPÍTULO NOVE - SAFIRA AZUL E SORTE EXISTE

CAPÍTULO DEZ - O PLANO DE RICARDO

CAPÍTULO ONZE - A AJUDA OFICIAL

## CAPÍTULO UM

### O FATO OCORRIDO

A pequena cidade estava em comoção devido aos fatos que na noite anterior haviam ocorrido lá. Grande parte da população local estava indignada com aqueles acontecimentos, e o assunto do momento não era outro. Bem, nem poderia ser de outra forma, pois que nunca havia acontecido nada parecido desde que fundada a cidade há muito tempo atrás.

Os "indignados" movimentavam-se para influenciar a autoridade que tratava do caso, para que a mesma agisse de forma extra protocolar e desse uma solução rápida ao assunto.

Isso evidentemente não poderia ocorrer, a lei não permite tais avanços sobre as regras estabelecidas, e a autoridade não iria correr nenhum risco tão somente para satisfazer os "indignados" que exerciam pressão.

De resto, não eram todos os moradores que estavam pressionando. Haviam aqueles mais pacatos e sem qualquer interesse na visibilidade de suas pessoas que, simplesmente à margem da situação, aguardavam o desenlace legal da mesma.

O acontecimento que polarizava essa pequena cidadezinha era a morte do casal de idosos, moradores há tempos da cidade, conhecidos de todos, vizinhos e não vizinhos, e que por sua simpatia e educação, através dos tempos havia

conquistado um sem número de amigos e admiradores. Era um casal de professores, tanto ela quanto ele aposentados e ali viviam na tranquilidade daquela pequena cidade. Nunca imaginaram, acredita-se, que algo como o ocorrido poderia acontecer. Nem eram ricos e exibidores de posses. Nem mesmo carro possuíam, seja porque a idade não favorecia que guiassem um veículo, seja porque não havia a menor necessidade; sendo pequena a cidade, locomoviam-se mesmo a pé. Moravam em uma casa simples entre o centro e a periferia da cidade.

Como não eram pessoas de se agitarem diariamente pela cidade, recatados que eram, somente pessoas mais chegadas, seja por amizade ou por proximidade, poderiam estranhar alguma coisa com relação aquele casal.

Um vizinho estranhou o silêncio, além do normal, da casa ao lado. Nenhum barulho, não escutou vozes de televisão ligada, ruídos típicos de cozinha, enfim, nada. Assim, resolveu verificar. Adentrou o pequeno jardim e bateu na porta. Aguardou alguns segundos, um minuto e voltou a bater. Fez isso por algumas vezes e nada conseguiu. Não obteve resposta. Achou melhor avisar o pessoal da delegacia de polícia sobre o que constatara.

O delegado enviou um investigador ao local e o mesmo descobriu que o casal se encontrava morto, possivelmente assassinado dadas as características inicialmente observadas. O investigador imediatamente deu o alarme comunicando o fato ao delegado de sua delegacia. A notícia, então, tomou conta da cidadezinha. Logo todos ficaram alvoroçados, a cidade comovia-se.

A vítima que indicava ter havido ali um assassinato, o senhor, tinha um saco plástico enfiado na cabeça e possivelmente teria sido sufocado até a morte. Tinha as mãos e os pés amarrados grosseiramente. A outra vítima, a idosa, à primeira vista nada apresentava que indicasse a causa de sua morte. Observou o investigador que ela somente revelava ter sofrido intensa dor ao morrer, porquanto suas feições assim revelavam. Porém, não havia sangue em suas vestes nem ao seu redor.

Quase que ao mesmo tempo em que o investigador se comunicava com o delegado, um morador da cidade adentrava a delegacia para comunicar que seu veículo havia sido furtado.

O delegado, de imediato, após ter os dados do veículo em mãos comunicou a polícia rodoviária sobre o furto.

Não demorou muito veio a notícia de que o veículo havia se acidentado na estrada, ali perto da cidade. Não conseguindo completar uma curva desgovernou-se tendo saído do leito da estrada, indo parar numa valeta. Os ocupantes, que pareciam ainda estar atordoados, foram detidos pela polícia rodoviária e encaminhados para a delegacia de onde proviera o pedido de atenção dos policiais rodoviários para com o veículo furtado.

Tendo feito suas conjecturas e com base em sua experiência policial, o delegado passou a acreditar que os dois detidos que haviam furtado o veículo acidentado tiveram algo a ver com o assassinato que agora tinha nas

mãos para resolver. Não só ele, todos os indignados também assim pensavam.

Encarcerados em pequenas celas da delegacia, apartados um do outro, foram, preliminarmente, cada um por vez, interrogados pelo delegado. Admitiam ter furtado o veículo e negavam ter cometido o assassinato.

Contudo a mente policial, ligando os fatos, furto de veículo, fuga, assassinato, tudo em uma única ocasião, praticamente em um único dia, sem outros suspeitos à mão, circunstancialmente tudo levava a crer que aqueles dois não eram inocentes com relação ao assassinato.

Porém, para atrapalhar essa presunção policial, acontece que nada havia sido encontrado na posse dos dois indivíduos que os ligasse aos idosos. Nenhum dinheiro, jóia, enfim... nada. E se tivessem algo a ver com aqueles assassinatos, teriam que ostentar alguma ligação com a casa, com o casal vitimado. O local foi vasculhado pelos investigadores e também nada foi encontrado --- diga-se: impressões digitais, pegadas, fios de cabelo, fechaduras arrebitadas ou forçadas ---, nada que ligasse, ou que pudesse ligar aqueles dois indivíduos aos assassinatos, que provasse que os dois tivessem estado dentro da casa dos idosos.

Mas se não foram os dois que cometeram esses assassinatos, quem os teria cometido?

A autópsia necessária foi realizada na cidade vizinha, pois que ali não havia médico legal para tanto e a conclusão estampada em laudo oficial deixava saber que o

homem havia mesmo falecido por ter sido sufocado. A arma do crime era o saco plástico de supermercado encontrado enfiado em sua cabeça que não deixando que respirasse provocou sua morte. Havia, também, marcas nos pulsos e tornozelos da vítima a indicar que suas mãos e pés haviam sido amarrados, imobilizados. Quanto a mulher, para surpresa de todos, o laudo constatava que ela havia falecido de causa natural. Sofrera um fulminante ataque cardíaco.

O laudo pericial da autópsia adicionou mais ingredientes no caso que, iriam de certa forma, atrapalhar os raciocínios até então praticados.

Após a autópsia tudo que fora recolhido das vítimas foi enviado para a delegacia, inclusive o saco plástico que era considerado como sendo a arma do crime.

Observando o delegado aqueles objetos relativos ao caso, notou que o saco plástico ostentava propaganda de um supermercado que não lhe era familiar. Pediu para o investigador que cuidava dessa investigação verificar na cidade se havia um supermercado ostentando aquela propaganda. Vez tendo essa investigação resultado negativa, adiantou-se o investigador e descobriu que o supermercado da propaganda estampada na arma do crime estava localizado na cidade vizinha.

Imediatamente o delegado localizou o inquérito relativo ao caso e verificou, conforme suspeitava, que os dois suspeitos encarcerados ali, moravam naquela mesma cidade vizinha. A cidade onde se localizava o supermercado da

propaganda que ostentava o saco plástico. Fechava o caso. Esse era o liame que faltava para apaziguar suas desconfianças. Aquele liame não deixava dúvidas... Aqueles dois eram os assassinos.

O delegado chamou o escrivão.

- José, me traga um dos dois. Vamos interrogá-lo.

O escrivão trouxe o da primeira cela. O suspeito algemado e submisso, sentou-se à frente do delegado. Este alertou o suspeito:

- Tudo que você disser será anotado pelo escrivão e fará parte do processo contra você. Entendeu?

O suspeito aquiesceu meneando a cabeça.

- Primeiro diga seu nome, sua idade, profissão, estado civil. Se casado, tem filhos?

- Eu me chamo Pedro Alcântara, tenho 21 anos, trabalho como mecânico de veículos, sou solteiro e não tenho nenhum filho...

- Qual seu endereço. Onde você morava antes de ser preso?

O endereço fornecido ao delegado era da cidade vizinha de onde provinha a "arma do crime", o saco plástico do supermercado que ostentava a propaganda identificadora. Feitas as demais perguntas necessárias, obtidas as respostas o interrogatório desse suspeito terminou.

O mesmo procedimento ocorreu quanto ao outro suspeito, Benedito Aparecido da Silva, com a mesma idade de Pedro e morador na mesma cidade.

Ambos negaram o assassinato. Confessavam o furto do veículo, porém não haviam cometido nenhum outro ato criminoso além daquele.

O delegado de polícia, muito embora diante da negativa do cometimento de qualquer outro crime além do furto do veículo que ambos confessaram haver cometido, firmava sua crença de que havia elucidado o crime. Fez seu relatório no sentido de que a arma do crime revelava a ligação dos suspeitos com o assassinado do idoso. No âmbito da sua delegacia, deu o caso como resolvido. Enviaria o inquérito policial para o Fórum local, sendo que dali em diante o caso estava sob os cuidados e competência do promotor de justiça. Com isso feito, os "indignados" locais ficaram satisfeitos e a cidade voltou ao seu ritmo de antes.

==== O ====

## Capítulo dois

### A INDICAÇÃO

O promotor de justiça aceitou totalmente o relatório do delegado e tudo mais que estava no inquérito policial. Assim, não solicitou nenhuma diligência extra, adicional, o que poderia ter feito se tivesse algum ponto que quisesse ver esclarecido, e ofereceu a respectiva denúncia ao juiz de direito, denunciando Pedro e Benedito por duplo assassinato. Para assim raciocinar o promotor levou em consideração que o infarto que matara a idosa estava



conectado com as ações que eventualmente presenciara no ato de sufocação e assassinato de seu marido. A acusação foi aceita pelo juiz que deu início ao processo criminal contra aqueles dois indivíduos.

Em decorrência de não terem advogado constituído para a defesa, nenhum dos dois, Ricardo Xavier, advogado criminalista local, foi nomeado para defendê-los. Como era de seu costume, não tardou em estudar todo o processo e em seguida pretendia ter contato direto com, agora, seus dois novos clientes.

Ricardo era nascido ali mesmo, havia tido sua infância ali mesmo naquela cidade com estilingue pendurado no pescoço e a juventude perseguindo as garotas da sua idade. Somente deixara a cidade, durante alguns anos, para estudar direito, quando já tinha dezenove anos e já havia terminado o curso técnico, tendo realizado o curso de direito na capital.

Enfrentara dificuldades para poder estudar. Não foi um estudante privilegiado que tivesse pais ricos que o sustentasse. Embora com todo o apoio da família, trabalhava durante o dia e à noite ia para a faculdade, isso durante cinco anos. Porém essa experiência ao final lhe foi benéfica. Fortaleceu o espírito.

Era sereno, calmo e bem apessoado. Era loquaz, gostava de falar e isso fez com que se tornasse criminalista pois que em seções de júri poderia falar a uma audiência. Não era alto, tinha estatura de um metro e setenta e cinco. Olhos e cabelos castanhos, vestia-se confortavelmente,

sem exageros e ostentava um sorriso contagiante, aberto. Sempre procurava, nas interlocuções que mantinha com as pessoas, usar palavras simples, contudo, bem colocadas para fácil entendimento daquilo que queria dizer.

Sua formatura em direito nasceu de um sonho seu que cultivava desde sua juventude lendo livros onde o herói era advogado. Não houve interferência de parentes para que escolhesse essa profissão que tanto admirava. E agora, já formado e militando na área, gostava muito daquilo que fazia.

Após ter sido nomeado oficialmente para atuar na defesa daqueles dois indivíduos, foi entrevistar seus novos clientes. Estavam em celas separadas e apresentavam um visível ar de tristeza. Já sabiam que eram acusados de assassinato e isso significava prisão por um longo tempo em penitenciária.

Ambos contaram para Ricardo a mesma versão dos fatos. Embora entrevistados separadamente por Ricardo, basicamente contavam a mesmíssima estória que se resumia nos seguintes fatos:

“Viemos passear aqui na cidade, viemos de ônibus, viemos para o baile e, após terminado o baile e algumas cervejas, sem termos tido sucesso com as garotas daqui, resolvemos voltar. Já era tarde da noite e não mais haviam ônibus para tanto. Aí, resolvemos “emprestar” um veículo para voltar pra casa. A intenção era abandonar o veículo após termos chegado lá em casa. Não pretendíamos

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

